P09.42

UNICAMP

EVENTO: GÓRECKI/LANÇAMENRO EM CD DE "MISERERE"

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 17/01/95

PÁGINA: D-8

SEÇÃO: CADERNO 2

CDMC Brasil Unicamp

DISCOS

Górecki une política e religião em 'Miserere'

Obras corais do compositor sobre a história recente da Polônia foram reunidas num único disco, gravado em Chicago no ano passado com regência de John Nelson

ANTONIO GONÇALVES FILHO

O compositor polonês Henryk Górecki diz que não faz música religiosa. Menos mal. Gente como Boulez acha que ele nem chega a fazer música, mas algo para ser consumido por faxineiras. Como resposta, Górecki diz que não trocaria uma canção de Schubert pela obra completa de Boulez. Descontando a língua afiada, Górecki é um religioso que faz música. Prova disso é o disco *Miserere* (Warner), compilação de quatro peças vocais do autor, gravada em abril do ano passado pelo Coro da Sinfônica de Chicago, sob regência do maestro John Nelson.

Miserere é um disco religioso no sentido empregado por Mircea Eliade. Se você não consegue ver ou ouvir algo de sagrado neste mundo, muito menos em outro. O sagrado está aqui, na garrafa de Mondrian, na maçã de Cézanne, no copo de água de dona Maria e na inocência pagã de Madonna. Da mesma forma, a peça que abre o disco, *Miserere*, é um manifesto político-religioso contra o arbítrio do poder. Mais especificamente, contra a milícia do general Jaruzelski, que decretou estado de guerra na Polônia do compositor, em dezembro de 1981.

GÓRECKI DIZ QUE NÃO TROCARIA UMA CANÇÃO DE SCHUBERT POR TODA A OBRA DE BOULEZ

Miserere, inspirada por um incidente político em Bydgoszcz, quando sindicalistas do Solidariedade foram feridos pela milícia, poderia simplesmente ser um libelo partidário, mas a sincera indignação de Górecki transforma a peça. Certo, Górecki não é um revolucionário e deve virar um verbete histórico menor que Stockhausen e Boulez, mas isso não tira seu mérito. Cabeças pensantes dizem que sua terceira sinfonia, que esteve nas paradas populares em 92, poderia servir de trilha sonora para filmes de Lelouch. Outro exagero.

O pecado de Górecki foi rejeitar a vanguarda de Darmstadt, a ordem atonal. Não bateu continência para quepes dodecafônicos, não se curvou para a realeza pós-minimalista e voltou ao passado em busca da tonalidade perdida. Por preconceito contra o sucesso popular de Górecki (1 milhão de cópias vendidas da *Sinfonia nº 3*), musicólogos deixaram de analisar o restante da extensa produção musical do compositor (quase 70 obras), que é, efetivamente, irregular, por vezes popular demais, mas nunca de má qualidade. Seus quartetos, sua segunda sinfonia, as canções sobre poemas de Lorca, os prelúdios para piano, não são obras que mereçam o desprezo de seus contemporâneos.

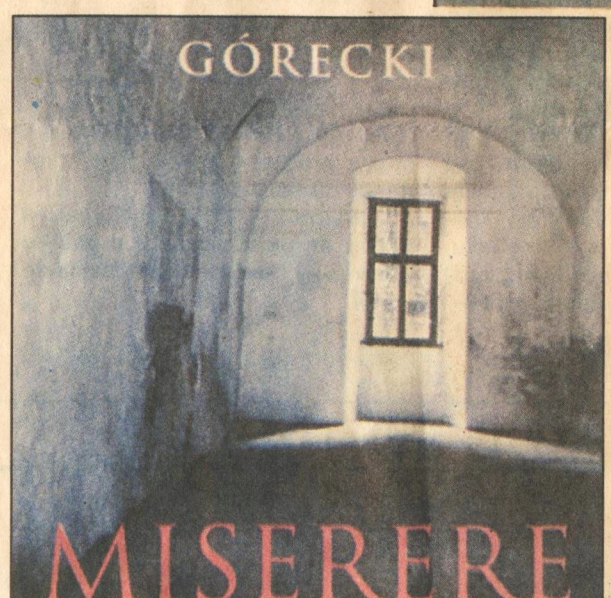
As peças que integram o disco *Miserere* são experiências até menos radicais do que Bruckner, mas nem por isso destituídas de interesse. *Miserere* tem pouco mais de meia hora e foi escrita em 1981. Tem uma estrutura circular como a terceira sinfonia de Górecki e o único texto cantado pelas vozes do coro de Chicago se resume a *Domine Deus noster, Miserere nobis*. Esse pedido de clemência, repetido apenas nos três minutos finais, desafia o crescendo típico das obras do gênero. Calmo, concentrado, em clima monástico, a capella, seu único efeito é a monótona repetição da estrutura do canto gregoriano.

Os inimigos de Górecki diriam que se trata de paródia, mas é preciso estar atento para perceber as alterações melódicas que cada voz, individualmente, provoca no conjunto. Há um conceito por trás dessa construção arquitetônica. Por paradoxal que pareça, essa mudança preserva a identidade vocal dos cantores. O artifício é quase uma ampliação de um efeito em *Euntes Ibant et Flebant* (1972), a primeira obra vocal sem acompanhamento composta por Górecki. Assim como a mistura de registros não deve comprometer a harmonia, a interposição de versos não deve prejudicar a mensagem e, em *Euntes*, o salmo 126 é complementado pelo salmo 95.

Amen, composta há 20 anos, é uma obra menos ambiciosa e o texto mais curto usado por Górecki. Se, em sua terceira sinfonia, o polonês insere uma mensagem deixada (na parede de uma casa) por uma menina executada pela Gestapo, em *Amen* o texto se resume a uma única palavra, o título, que aceita a ordem encontrada no mundo e a vontade do Criador. Esse conformismo cristão é o motivo de toda a indignação dos críticos. A um músico do século 20 se permite tudo, menos misturar céu e terra. A "prece" da menina Helena Wanda Blazusiakówna, inscrita em Zakopane e mote da terceira sinfonia, não toca os corações modernos. Só empregadinhas, segundo Boulez. Isso faz lembrar uma história. Certa vez, a empregada da pintora Mira Schendel desmaiou ao ver uma reprodução de Mondrian. Ao acordar, justificou: "Posso ser ignorante dona Mira, mas sei o que é bonito".

SERVIÇO

Miserere *- CD com quatro peças vocais do compositor Henryk Górecki. Com o Coro da Sinfônica de Chicago. Regência de John Nelson. Lançamento: Warner. Preço médio: R$ 20,00.*

Protasio Nener

Górecki: em busca da ordem tonal e contra a escola de Darmstadt, o compositor polonês rompeu com Boulez e Stockhausen, entrou para a parada de sucessos, conseguiu ser odiado pela crítica, mas é gravado hoje até em Chicago